

O sintoma e a estrutura familiar¹

BERNARD NOMINÉ

Propomos este tema para a conferência, pois na França estamos refletindo sobre os numerosos problemas postos pelas questões de parentesco, filiação, adoção e nomeação. São questões complexas, pois é preciso dizer que a teoria freudiana de que dispomos repousa sobre o Complexo de Édipo, que é historicamente datado, e o ensino de Lacan, bastante centrado na questão do pai, testemunha também um ambiente cultural que mudou muito desde então, ainda que possamos reconhecer em Lacan o talento de um visionário. Não podemos, portanto, fazer economia de uma reflexão que integre os novos dados sociais concernentes à instituição familiar na nossa cultura ocidental.

Os historiadores e sociólogos que consultei são unânimes em descrever as mudanças importantes que intervieram no modelo de organização familiar. Mas, não estão todos de acordo sobre as causas dessas mudanças. Alguns vêem as causas lá onde outros vêem as conseqüências; em resumo, isso é muito complexo e não estou certo de que a psicanálise tenha destaque nessas questões. O certo é que a sociedade sempre está mais ou menos organizada a partir de um modelo que é um modelo familiar. Para nós, leitores de Freud, isto não é tão espantoso, porque a psicologia coletiva deve muito à organização do eu que é constituída para cada um a partir de seus modelos familiares. Comportamo-nos em grupo como sempre nos comportamos na célula social primordial, quer dizer, a família. E, no entanto, vocês me dirão, nem todas as crianças de uma mesma família têm, forçosamente, o mesmo comportamento em sociedade, o que é verdade e isto me obriga a precisar que a família à qual nos referimos não é uma realidade social, é uma realidade psíquica – quer dizer que é uma formação essencialmente imaginária e fantasmática. Freud o havia reparado bastante cedo, a família é, primeiro, um mito individual, um romance. Cada um constrói seu romance familiar e é o modelo deste romance que cada um quer transpor para sua vida social. A família é, nesse sentido, para cada um, algo de muito íntimo e não é, portanto, tão surpreendente que os debates sobre esse tema

¹ Palestra realizada na PUC de São Paulo em 30/09/2005. Tema proposto pelo autor a Raul Pacheco Filho.

sejam, às vezes, tão agitados quanto certas refeições de família.

Dizemos logo de entrada que nossa intenção não é defender a todo custo o modelo da família tradicional, como o fazem certos psicanalistas assustados pelo mundo moderno e suas extravagâncias, e que localizam em todos os mal-estares atuais uma falha dessa estrutura tradicional que era a família patriarcal. A realidade social desse modelo desapareceu na nossa cultura há mais de um século, o que não impede ninguém, evidentemente, de sonhar com seu retorno, quer dizer que cada um pode mantê-la como modelo pessoal para seu romance familiar, ou seja, grosso modo, para sua neurose.

Para lançar um olhar um pouco mais claro sobre estas questões, é necessário referir-me aos trabalhos dos sociólogos. Eis o que pude ler. Na família tradicional, o que importava era a gestão do patrimônio, o pai era aquele que tinha toda autoridade pela gestão desse patrimônio e para decidir sobre sua herança. Somente o filho legítimo, isto é, portador do nome, poderia herdá-la, mas, sob a condição, é claro, de que fosse fiel aos ideais do pai; se seu comportamento fosse condenado por seu pai, ele corria o risco de ser deserdado. Este modelo familiar teria prevalecido desde o final do século XVIII até a Grande Guerra de 1914-1918.

Na etapa seguinte, que seguiu a Primeira Guerra, o acento se deslocou: é a educação das crianças que prevalece e não mais o patrimônio econômico da família. Trata-se de formar as crianças e de lhes dar o máximo de chances de ser bem sucedido socialmente. A família é fundada sobre o amor conjugal e os laços do casamento, e a educação é fundada sobre o pregão da moral.

Enfim, desde os anos em torno de 1968, depois da grande contestação do poder dos pais e dos mestres, o modelo familiar que chamamos de “contemporâneo” está marcado por um ideal de igualdade entre os sexos, possibilitado por uma mudança na condição das mulheres que trabalham e que podem, cada vez mais, administrar as contingências da maternidade. Essas mulheres, que deixaram de ser dependentes de seus maridos, podem se divorciar, as famílias se recompõem e se aprofunda uma diferença entre a filiação e a parentalidade. Enfim, no nível dos princípios educativos, “a imposição dá lugar ao desabrochar da criança”²

Seria preciso acrescentar a este quadro o modelo da famí-

² De Singly François. *Le soi, le couple et la famille* (1996)

lia hipermoderna, facilmente homoparental: os papéis sexuais tradicionais se esfumam e serão, talvez, instados a desaparecer, se acreditarmos em certos especialistas, como Henri Atlan³, que nos predizem para amanhã a fabricação de crianças em úteros artificiais.

Seja como for, os psicanalistas, se eles ainda existirem, continuarão a escutar as fabulações dos sujeitos que deverão fazer cada vez mais esforços de imaginação para inventar um romance familiar, mas, *a priori*, não há nenhuma razão para se desesperar.

O que inquieta alguns é o declínio da função paterna que eles observam na organização familiar contemporânea e, portanto, na nossa sociedade. É certo que houve modificações notáveis, das quais falamos no nível sociológico, mas, não estou certo que essas mutações testemunhem de modo absoluto um déficit da função paterna. O que se percebe é um déficit da autoridade e, se permanecermos no modelo tradicional, então, associaremos toda autoridade àquela do *Pater familias*. Mas esta é uma dedução um pouco rápida, a função paterna não pode ser reduzida à encarnação da lei. É mesmo um contra-senso que Lacan corrige no final do seu ensino, sublinhando que o que dá ao pai sua autoridade é seu desejo. A lei, em si mesma, não se justifica em nenhum desejo particular, e é exatamente por isso que o recurso ao jurídico para solucionar os problemas familiares não passa, muitas vezes, de um “subterfúgio”. Neste nível, é certo que um déficit da função paterna se observa no recurso incessante à lei e, se isto se generalizasse, se o social respondesse desse modo, ou seja, ao pé da letra, aos apelos ao pai, veríamos se instalar uma ordem que Lacan qualifica de *ordem de ferro*⁴, e que testemunharia, segundo ele, um retorno do Nome-do-Pai no real. Quando olhamos o que se passa em certos países do Magreb, onde a cultura ancestral ficou sem norte pela invasão do modo de gozo dos nossos países ocidentais, vemos bem como o recurso à religião termina por impor uma ordem de ferro.

Mas, retornemos à nossa questão: as mudanças registradas na organização familiar traduzem verdadeiramente um déficit catastrófico da função paterna? Francamente, eu não creio: não estamos na era da psicose generalizada. Eu creio mais que, se há déficit, é no nível da autoridade do Mestre. É o discurso do Mestre que está desvalorizado, simplesmente porque o Mestre não é

³ Atlan, Henri. O Útero Artificial (2006).

⁴ Lacan. Séminaire - *Les non-dupes errent*. (aula de 19 de março de 1974).

mais o único a ter o saber que lhe dá as chaves do poder. O ideal democrático deu a todos um livre acesso ao saber, e o reconhecimento, hoje, não é mais esperado nem de um pai autoritário, nem de um mestre ciumento de seu saber, mas de um sistema social que controla os conhecimentos e valoriza o sucesso social. É o saber que está no posto de comando, mas este saber para todos, este saber sem mestre, não garante nenhuma ordem, e é tipicamente o que está em jogo com a rede internet, e nós ainda não temos verdadeiramente a medida das conseqüências dessa revolução.

Agora, resta medir o impacto desse déficit do discurso do Mestre sobre a figura tradicional do pai. É certo que, na tradição da neurose, o pai é aquele que protege contra as falhas do saber. Seja o que for, o pai sabe e ele tem razão. É o que lhe dá seu lado religioso; o Papa tranqüiliza os fiéis, ele sabe, ele é infalível, e o falecido papa teve uma conversa, digamos, irresistível, quando disse aos jovens: “não tenham medo!”. Todos aqueles que se apressaram a seguir suas exéquias em Roma repetiam isso: “ele nos disse: *não tenham medo*, e é por isso que nós estamos aqui”. Na neurose, a figura paterna está lá para assumir as falhas do saber. A neurose erige a figura do pai tradicional para não reencontrar a falha no simbólico. O pai é a primeira representação do sujeito suposto saber. Mas, o que ao pai é suposto saber? É a neurose que pode responder a essa questão: ao pai é suposto saber o que é o gozo que não tem nome, este continente negro misteriosamente oculto sob os véus da madona. Se o mito freudiano do pai que faz a lei – na medida em que ele impõe seu desejo a todo o resto da família – é tão necessário, é porque desse modo nós confiamos ao pai a função de saber, lá onde não há nada a saber, quer dizer, ao nível do que Lacan chamou de causa do desejo. E, sobretudo, não se vai verificar, o pai está lá e ele, ao menos, deve bem saber. “O pai é aquele que foi tão longe na realização do seu desejo para reintegrá-lo a sua causa”⁵. O que permite aos outros ficar no desconhecimento em relação a este objeto irreduzível ao saber, e é melhor assim, pois é isso que condiciona seu desejo.

Isto que acabo de introduzir como definição do pai – *O pai é aquele que foi tão longe na realização do seu desejo para reintegrá-lo a sua causa*, é uma definição que surge no discurso de Lacan no momento em que ele se distancia em relação à função simbólica, quase sagrada, do famoso Nome-do-Pai. Aqueles que conhecem

⁵ Lacan. O Seminário, livro 10: A angústia (1962-63/2005, p.365).

um pouco o ensino de Lacan sabem bem que a metáfora paterna não dizia nada sobre o desejo do pai, o Nome do pai vem aí como significante para responder ao enigma do desejo da mãe. Aqui, nós mudamos de registro, é o desejo do pai que está colocado primeiro. A história da metáfora paterna de Lacan agradou todo mundo, especialmente aos homens da igreja – um certo número de jesuítas seguiu o seminário de Lacan – o Nome-do-Pai como operador simbólico velava a questão do impensável desejo do pai e isto era cômodo a todo mundo. Em contraposição, na medida em que Lacan se aventura a falar do desejo do pai, isto o conduz inevitavelmente a desvalorizar o Nome-do-Pai e a começar a dizer que há *os nomes do pai*. Vocês sabem que ele pensou que tinha sido impedido de oferecer esse seminário ao qual ele só consagrou uma sessão. Em resumo, essa volta decisiva no caminho de Lacan não poderia agradar a todo mundo. A seqüência foi esclarecida dez anos mais tarde, quando Lacan formulou a especificidade do desejo do pai e designou seu objeto como sendo *uma mulher* como o objeto *a*. Vimos há pouco que o pai é suposto saber lidar com a falha no simbólico e, neste momento, podemos precisar que é o que ele faz muito naturalmente, situando neste lugar, *uma mulher* como objeto causa de seu desejo. Eu disse bem, *uma mulher* e não *a mãe*. Na constelação familiar, a mãe não é um objeto, é um significante. É mesmo sobre esta distinção precisa que repousa a ideologia feminista: que as mulheres advenham de um todo significante. Ora, o lado feminino implica, bem ao contrário, um *não todo*. E este *não todo* concerne àquele que sustenta a função paterna, que ele o saiba ou não, o importante sendo que ele tenha se aventurado a freqüentar esse *não todo* que ressoa especificamente como o que causa ordinariamente seu desejo.

Esta relação que caracteriza o pai na relação de gozo que o une à mulher que ele conquistou para nela fazer filhos, Lacan a nomeia de dois modos: ou ele a nomeia *père-version* – é um jogo de palavra entre a versão do pai e a perversão que caracteriza a sexualidade masculina – ou ele fala da função de sintoma, uma mulher como *sintoma* do pai, ou seja, como representando seu modo de gozo irreduzível e particular. “*Para quem é saturado pelo falo, que é uma mulher?*” – pergunta-nos Lacan – e ele nos responde: é um *sintoma*.” Isso deve ser escutado no sentido em que o *sintoma* representa a parte de gozo particular e irreduzível de

cada um, aquilo que resiste até o limite à decifração pelo sentido. É evidente que Lacan sublinha que o sujeito se sente, por sua vez, embaraçado por este gozo, mas, que ele também o retém, não aspira desembaraçar-se dele. Para um homem, fazer de uma mulher um objeto que cause perversamente seu desejo, é constitui-la como *sintoma*. É em 1975 que Lacan diz isso e nesse mesmo ano ele definiu o *sintoma* como uma função no sentido matemático do termo.

Uma função matemática é uma relação codificada entre dois registros, aquele das ordenadas y e o das abscissas x , e para cada elemento x deve haver ali um elemento y que satisfaça a função. Por exemplo

$$y=2x+3$$

Então, o que é que Lacan quer nos dizer com sua função do *sintoma*, $f(x)$? Ele nos diz que o x é aquilo que do inconsciente pode ser traduzido por uma letra, dado que o inconsciente é uma cifragem com letras. O inconsciente fornece a letra, o x , e o *sintoma* constitui-se a partir daí: $S = f(x)$. Uma função matemática deve ser válida para todo x . É isto o que faz Lacan dizer que o *sintoma* opera de forma selvagem, sem limite, de forma contínua; não cessa de se escrever a partir de qualquer x . Mas isso não dá lugar a qualquer y , quer dizer, a qualquer sintoma, definimos o *sintoma* como $f(x)$. Isso não dá lugar a qualquer sintoma, porque cada *sintoma* deve responder ao modelo imposto pela função, (por exemplo $2x+3$).

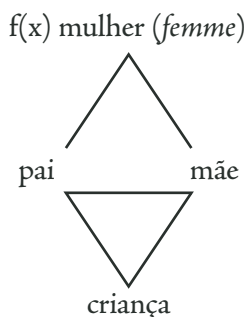
Qual é, então, o modelo para a função do *sintoma*? É algo bastante inesperado. Neste texto, Lacan nos adverte: “Vocês não vão acreditar nos seus ouvidos”⁶. É o pai. É como se houvesse uma conexão entre a função paterna e a função do *sintoma*. É isso que Lacan dirá sem rodeios em Genebra: o *sintoma* da criança é a expressão do tipo de pai e do tipo de mãe que ela tem. Dito de outra maneira, o modelo da função é dado pela relação entre pai e mãe. É isso o f , é o modelo da relação pai-mãe e para ser mais exatos, seria preciso dizer a relação pai-mulher. No $f(x)$ que caracteriza o *sintoma*, o f que vai dar forma ao *sintoma*, a partir do x do inconsciente, é o f do *feminino*. Uma mulher ocupa uma função no desejo, por essência, perverso do pai, - acabamos de vê-lo, é uma função de *sintoma*. Em síntese, com esta mulher função de *sintoma* para um homem, pode-se abordar esta nova versão da

⁶ J. Lacan séminaire RSI (aula de 21 de janeiro de 1975).

metáfora paterna que eu anunciava. O pai adquire sua função da função do *sintoma*. O que dá sua nobreza ao nome do pai, é seu *sintoma*. Ele não toma sua função do simbólico puro, como a religião nos sugere. Um puro símbolo não vale nada nesse aspecto. O *sintoma*, ainda que se pareça a um símbolo, não é um símbolo puro. O *sintoma* é o real ao redor do qual o inconsciente tece suas invenções.

O que é destacado então por Lacan nesta última parte de seu ensino não é o poder sagrado do pai simbólico, mas é o *sintoma* do pai, ou seja, o real do pai, a nota perversa de seu desejo, aquilo sobre o qual se quer geralmente fechar os olhos, já que se prefere o pai simbólico, o pai morto.

Esse impensável desejo do pai é o que fica escondido por trás da Santíssima Trindade, quero dizer, no trio edípico. O que Lacan traz de novo neste seminário é um quarto termo, é justamente o *sintoma*, digamos mesmo, o *sintoma* do pai para enodar o conjunto. O que se pode esperar de melhor, em relação à função do pai, é que ela faça sustentar a trindade pai, mãe, criança e que ela a sustente introduzindo um quarto termo.



O importante para o pai é que ele tenha um *sintoma*, aquele de sua pai-versão (perversão), que introduza o quarto termo, seu *sintoma*, o famoso $f(x)$, em outras palavras, a função de uma mulher no seu desejo de pai. É a partir deste modelo que a criança constrói seu inconsciente, a partir daquilo que há de sintomático no casal parental. Este é o modelo comum a partir do qual se constrói a neurose.

“O *sintoma* da criança está no lugar de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar.”⁷ Isto é o que Lacan escreveu a Jenny Aubry. O que leva a dizer que a família é uma conjunção

⁷ Lacan, *Deux notes sur l'enfant*. (2001, p. 373).

de sintomas: de um lado há o pai e sua mulher, como sintoma – é aí que se funda o que há de sintomático na estrutura familiar –, e do outro lado há o sintoma da criança, no lugar de responder a essa relação sintomática.

Mas, por que dizer que o sintoma da criança está no lugar de responder? Por razões puramente estruturais. A família está fundada minimamente sobre dois pares de significantes: o pai e sua mulher, de um lado, a mãe e sua criança, do outro. O complexo de Édipo inventado por Freud é uma forma de escrever uma articulação entre esses dois pares de significantes. Ele repousa sobre a divisão fundamental entre mulher e mãe. A mulher é não-toda, uma parte de seu ser escapa ao que ela põe em jogo na sua função de sintoma para um homem. Ela tem seu próprio objeto, que pode ser uma criança, quer dizer, aquilo que ela acolhe como fruto da relação sintomática com seu parceiro. Poderíamos pensar também que, como mãe, ela poderia ter seu próprio sintoma, que respondesse ao que escapa a seu parceiro. Mas, contrariamente ao sujeito masculino, que faz de sua parceira um sintoma, ela não é toda-mãe, quer dizer, é não-toda, nesta relação que a une a seu objeto. Dito de outra forma, a criança não é geralmente um sintoma para sua mãe, porque ela não é toda mãe, e é aí que diremos, com Lacan, que o sintoma da criança representa a verdade do casal familiar. Porém, em certas circunstâncias, se o pai fracassa em fazer reconhecer seu desejo e, portanto, em fazer valer sua função, a mãe de seu filho pode se encontrar na situação de realizar a mãe toda, preenchida pela criança que satura seu desejo e que se apresenta como seu único parceiro, quer dizer, como seu sintoma, o que supõe, então, a estrutura da psicose.

A estrutura da psicose se caracteriza por uma profunda alteração das relações do sujeito ao Outro e isso supõe primeiramente uma falha simbólica desse Outro. Então, é chegada a hora de se colocar a questão: Quem é o Outro? Que é esta instância simbólica primordial descrita por Lacan? É preciso dizer, de entrada, que este Outro é uma criação própria de cada um. Cada um faz uma idéia de seu Outro, sempre a mesma, o que tece o habitual de suas repetições. Este Outro é uma criação do sujeito, mas ela não se realiza *ex-nihilo*. Há um modelo para cada um. Temos tendência a pensar espontaneamente numa figura de mãe

primordial; depois, quando se avança um pouco na leitura de Lacan, dizemos que o Outro, lugar onde o sujeito encontra sua inscrição simbólica, seria preferencialmente o pai. Hoje, depois daquilo que descrevemos como relação simbólica estruturada na família sobre o modelo do pai que faz de uma mulher seu sintoma, podemos deduzir que o Outro é o conjunto das relações significantes estruturadas pela lei do Édipo. Não é nem o pai nem a mãe, mas o pai e a mãe na sua relação sintomática, na qual um faz do outro seu sintoma, pela intermediação de uma função que assegura uma mulher no desejo de um homem. Se existe uma falha simbólica no lugar desta copulação significativa, a criança não encontrará seu lugar como quarto elemento, quer dizer, como sujeito com um sintoma. Ela ficará na posição aleatória de um objeto totalmente dependente de um ou do outro.

O Outro do psicótico não é um Outro sintomático, ou seja uma estrutura ternária frente à qual ele pode encontrar seu lugar como quarto. O Outro do psicótico é um Outro binário que só pode dar lugar a identificações maciças, em espelho, como se constata correntemente na paranóia. Ora, estas identificações, se podem dar um suporte imaginário ao eu, não são suficientes para sustentar o sujeito no encontro sexuado. Porque aí o sujeito tem um encontro com o sintoma e, se ele não recebeu o modelo de seu Outro sintomático, corre o risco de experimentar a catástrofe subjetiva que testemunha o desencadeamento da psicose.

Com estas precisões sobre a função paterna, espero haver mostrado a vocês a importância estrutural da família, como modelo do Outro que chamo sintomático, e penso que compreenderão que não serão as resistências de certos cientistas, de certas personalidades políticas, de certas mulheres ou da comunidade homossexual que poderão ameaçar um modelo que cada um recebeu e que tem, profundamente, impresso em si. Por certo, a psicose existe, mas ela não tem necessidade dessas extravagâncias para se desvelar. Não temos razão de temer o cenário catastrófico da psicose generalizada para as próximas gerações.

Pelo contrário, o que podemos temer, se não formos capazes de achar os meios de pôr um limite nesta inflação desenfreada de um saber em desordem, que desorganiza os laços sociais tradicionais, que são naturalmente os laços de transferência. O que podemos temer é uma desordem absoluta, que favorecerá a força

de uma figura patriarcal, à qual alguns recorrerão para acalmar suas angústias. Então, bem poderia ser o advento de uma ordem de ferro.

referências bibliográficas

- Atlan, Henri. O Útero Artificial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- De Singly François. *Le soi, le couple et la famille*. Collection Essais e Recherches. Paris: Nathan, 1996.
- Lacan, Jacques. *Deux notes sur l'enfant*. In *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- Lacan, Jacques. O Seminário - livro 10: *A angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Lacan, Jacques. O Seminário - livro 21: *Les non-dupes errent* (1973-74). Inédito.
- Lacan, Jacques. O Seminário, livro 22: *R.S.I.* (1974-75). Inédito.

resumo

O artigo foi elaborado a partir de uma conferência do autor em 2005, na PUC-SP. Trata o tema da família como entendida pela psicanálise, uma realidade psíquica, formação essencialmente imaginária e fantasmática que tece o destino dos sujeitos e teoriza sobre o Nome-do-Pai e a trama edípica nos tempos atuais.

palavras-chaves

Família, Nome-do-Pai, sintoma, Complexo Edípico, sintoma

abstract

The article was developed starting from a conference given by the author in 2005, at PUC-SP. It deals with the theme of the family as understood by the psychoanalysis, a psychic reality, an essentially phantasmal and imaginary formation that weaves the destiny of the involved subjects, and it theorizes on the-name-of-the-father and the oedipal plot in the current times.

key words

family, the-name-of-the-father, symptom, Oedipus complex and symptom

recebido

10/11/2007

aprovado

20/11/2007